

ENTRE A SÁTIRA E A EPÍSTOLA: A HIBRIDIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS NAS *CARTAS CHILENAS*

Ricardo José dos Santos Neto¹

Resumo: A literatura especializada, em geral, designa o trabalho creditado a Tomás Antônio Gonzaga ao gênero satírico, mesmo antevendo-se o indicativo do título, *cartas*. Contudo, ao analisarmos mais de perto a obra e os demais aspectos que a compõem percebemos delimitações de outros gêneros textuais, como o epistolar, e até mesmo a crônica e o histórico-documental. O presente trabalho visa analisar a presença do gênero satírico nas *Cartas Chilenas* e sua coexistência com o gênero epistolar na obra de Gonzaga. Partindo da reflexão de ambos os gêneros, faremos uma análise da sátira e da epístola para, a partir da conceituação de ambos os gêneros, apresentar a hibridização como fenômeno que se aplica ao nosso objeto.

Palavras-chave: *Cartas Chilenas*; Gêneros textuais; Gênero satírico; Gênero epistolar; Hibridização de gêneros.

Introdução

A língua é uma atividade social, histórica e cognitiva que constrói a realidade através de processos. Ela estabelece vínculos entre os sujeitos através da decodificação de imagens simbólicas em signos gráficos e sonoros que permitem a compreensão de ideias. Nesse processo, para que a situação comunicacional aconteça, é necessário haver um emissor e um receptor se interagindo em um mesmo contexto para que a mensagem produzida pelo primeiro seja interpretada pelo segundo.

A partir dessa situação, onde emissor e receptor estão envolvidos em um mesmo contexto, é que se manifestam as diferentes perspectivas comunicacionais e se dimensiona o intercâmbio de ideias que, em consonância com elementos coesivos, permitem a formação textual e as interações em diferentes níveis da linguagem.

¹ Doutorando em Literatura Brasileira (na área de pesquisa História, Cultura e Memória) pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Educação a Distância (UNIP). Graduado em Letras e Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Instituição de ensino: Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: ricardojsn@gmail.com.

Os diferentes níveis da linguagem são as instâncias comunicacionais que permitem a formação de novos recursos linguageiros que viabilizam a consolidação de diferentes formas discursivas. Esses novos desdobramentos discursivos ocorrem devido às transformações sócio-históricas dos sujeitos e estabelecem novas situações comunicacionais. Com base nesses argumentos, concebe-se a ideia de gêneros textuais,² elementos que “se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, s.d., p. 3).

Em uma perspectiva bakhtiniana, como apontam Ferretti-Soares e Bonini (2016, p. 175), pode-se compreender os gêneros textuais, como unidade real da comunicação discursiva constituída por um tema e por uma estrutura composicional que compreende componentes do discurso correspondentes às formas de ação dada pela linguagem através de elementos que reproduzem as práticas sociais.

Tomando por base as noções de gênero apresentadas, pretende-se verificar quais os gêneros textuais que constituem as *Cartas Chilenas*. Isso, pois, a partir da leitura do livro e a associação de seu texto com o referencial teórico que versa sobre seu conteúdo, encontramos outras questões inerentes aos gêneros textuais que vão além do gênero satírico.

1 Um problema histórico-filológico

As *Cartas Chilenas* são compostas por 13 compilações³ de manuscritos que circulavam pela cidade de Vila Rica, provavelmente,⁴ às vésperas da Inconfidência Mineira, no último quarto do século XVIII. Os textos relatam de maneira irônica e caricata os costumes da aristocracia da cidade e os abusos administrativos cometidos por Luís da Cunha de Menezes, o Conde de Lumiares, designado por Portugal

² Marchuschi usa “a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características (...) os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete (...)” (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23 *apud* OTTONI, s.d., p. 5).

³ Até os dias de hoje, são conhecidas apenas versões incompletas da 7^o e 13^o, sendo que a última dispõe de, apenas, 29 versos.

⁴ Não há consenso em relação a um período exato à composição dos poemas. De acordo com o filólogo Manuel Rodrigues da Lapa, as hipóteses formuladas acerca da composição dos poemas baseia-se nos seguintes critérios: a) datar as *Cartas* dum período anterior ao da partida de Cunha de Menezes para Portugal, em meados de 1788; b) atribuir parte delas a um período anterior e a outra parte a um período posterior à abalada do Capitão-General; c) considera-las tôdas escritas depois da partida do Governador; d) enfim, fixar-lhes o começo do século XIX, depois da 1.^a edição do *Hiposse*, em 1802”. (LAPA, 1958, p. 127). O filólogo rechaça a última hipótese, porque não vê fundamento em se “firmar em aproximação de estilos superficiais e não contunde, e por partir de um critério insubstancial, pois que, sendo efetivamente a 1.^o edição do *Hissope* de 1802, já muito antes”. Assim, Lapa fica com a hipótese de que as *Cartas Chilenas* correspondem ao período em que Cunha de Menezes esteve nas Minas Gerais. Em relação ao aqui descrito, Antonio Candido tem visão diferente e aponta que a obra “deve datar do fim do governo de Cunha de Menezes, 1788, prolongando-se com certeza até os anos seguintes”. (CANDIDO, 2000, p. 151). Há muitos dados que se divergem nas pesquisas inerentes às *Cartas Chilenas*. Dado essa divergência preferimos ficar com a visão de Manuel Rodrigues Lapa, não desfazendo do grande crítico literário brasileiro, Antonio Candido, e sim porque Lapa aprofunda mais em seus estudos e sua obra é inteiramente voltada para análise das cartas, ao passo que Candido explora a obra do século XVIII em um pequeno capítulo do seu livro *Formação da literatura brasileira*. Desta maneira, nos referiremos ao período em que os escritos foram compostos sendo entre 1783 e 1788.

como Governador-Geral para a capitania das Minas Gerais no período de 1783 a 1788. As cartas foram redigidas sob anonimato para evitar possíveis represálias e permaneceram inéditas até 1845. Durante muito tempo polemizou-se sobre a sua autoria. Sobre esse ponto Manuel Rodrigues da Lapa diz:

antes de mais nada, seja nos lícito fazer está pergunta: Quais eram ao tempo, em Minas Gerais, as pessoas que, sendo homens de leis, vivendo em Vila Rica e podendo ter mais ou menos razões de queixa contra o governador Cunha de Meneses e seus asseclas, puderam escrever as *Cartas Chilenas*?

Seis nomes se apresentam à nossa consideração: Tomás Antônio Gonzaga, Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Luiz Beltrão de Gouveia e Joaquim Antônio Gonzaga. (LAPA, 1958, p. 2-3)

Mesmo com uma ampla gama de “suspeitos”, através de análises documentais e filológicas, afinou-se o escopo de prováveis autores e os estudos centraram-se em Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga. Foi feita uma abordagem comparativa entre os trabalhos e o estilo de ambos para rastrear os traços e peculiaridades que cada um implicava à escrita,

Natural é, pois, que haja de onde em onde certa “perturbação” no estilo de um e de outro, mas muito em especial de Gonzaga, submetido à férula do mestre.⁵ Descobrir essas intervenções de mão estranha é tarefa muito difícil a mais das vezes impossível. De tudo isso resulta que a própria investigação dos caracteres pessoais da linguagem outro remédio se não selecionar alguns rasgos de estilo que aparecendo nas *Cartas* e num dêles, se não registem no outro, ou se registem muito menos. Foi isso que fez com perícia o mestre da poesia que é Manuel Bandeira, no seu estudo sobre a autoria das *Cartas Chilenas*, publicado na “Revista do Brasil”, n.º 22 (abril de 1940). (LAPA, 1958, p. 2)

Lapa dedica um capítulo exclusivamente para tratar dessa temática. Assim, no capítulo intitulado “Mais provas de estilo a favor de Gonzaga”, o filólogo trabalha com as evidências linguísticas que atestam a autoria das *Cartas Chilenas* a Tomás Antônio Gonzaga, apresentando as peculiaridades na escrita desse autor. Para chegar a essa conclusão, Manuel Bandeira faz análise do texto calcada em argumentos específicos: emprego adversativo do adverbio *sim*, do pronome

⁵ De acordo com Vermeersch a influência de Cláudio Manuel da Costa foi fundamental no processo de desenvolvimento da poética de Tomás Antônio Gonzaga. As obras de Cláudio foram publicadas no mesmo ano em que Gonzaga se formava em Coimbra e com certeza foram lidas por ele. Tendo a oportunidade de convívio com o mestre, Gonzaga o fez com toda a intensidade possível, ganhando a atenção e o incentivo de Cláudio que o incentivou a seguir os caminhos da poesia (VERMEERSCH, s.d.). Cláudio Manuel da Costa, mais velho e mais experiente, colocava-se a revisar muitas das poesias de Tomás Antônio Gonzaga.

adjetivo *algum*, das orações de infinitivo regido da preposição *a*, e emprego do *quem* referindo a coisas, e tendências para substantivação.⁶

Não nos ateremos aqui aos padrões técnicos relativos aos estudos filológicos e linguísticos, pois não é esse o intento do trabalho. Esse ponto introdutório teve, apenas, como finalidade apresentar detalhes que compõem a obra e deixar ao leitor algumas marcas da complexidade que envolvem as *Cartas Chilenas*. Doravante, a partir das hipóteses e conclusões que evidenciam a autoria dessa obra, passaremos a nos referir a Tomás Antônio Gonzaga como autor das *Cartas Chilenas*.

2 A sátira como gênero poético

A cidade de Vila Rica foi o principal centro de negociação de ouro e diamantes, riquezas abundantes na capitania das Minas Gerais. Todas as pedras e metais preciosos extraídos estavam sob as políticas da Metrópole e seguiam a lógica da “vaca americana” imputada às colônias de onde, metaforicamente, dizia-se: é necessário tirar o máximo proveito da vaca; deve-se dela extrair o leite, o couro e os ossos. Já não bastasse a incessante exploração e os altos impostos da Coroa que incidiam sobre os mineradores, somavam-se

a esse abuso o alto preço da mão-de-obra escrava e dos instrumentos de mineração e, ainda, os altos donativos exigidos pelo clero. O ambiente da capitania era extremamente tenso. Configurava-se um estado de coisas que não podia continuar, sob pena de gerar um conflito aberto com as autoridades portuguesas.⁷

Neste contexto, a fim de resolver o problema que se agravava, a Coroa Portuguesa deslocou da capitania de Goiás o capitão-general Luís da Cunha Meneses para assumir a capitania das Minas Gerais, tendo este por finalidade controlar e evitar a crise que se precipitava com a decadência do ciclo do ouro. A partir de 10 de outubro de 1783, Cunha de Meneses assumia o governo das Minas Gerais tornando-se Governador-Geral. Contudo, o novo governador, ao invés de introduzir uma governança positiva, instaura na capitania caos semelhante ao que havia deixado em Goiás.⁸ A administração de Cunha de Meneses só agravou a crise vivida na capitania, pois, para manter-se no poder, aumentou o contingente

⁶ Manuel Bandeira fez sua verificação de forma diferente. Recortou o todo que compõe a obra de Cláudio e Gonzaga e analisou as cartas-poema chegando à conclusão da autoria através de comparativos estilísticos na identificação dos usos de vocabulário e pela análise da sintaxe empregada pelos poetas (NICODEMO, 2004, p. 35).

⁷ Disponível em: <<http://professorthiagolira.blogspot.com/2010/07/analise-critica-cartas-chilenas-parte-i.html>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

⁸ Manuel Rodrigues Lapa em seu livro *As “Cartas Chilenas”: um problema histórico e filológico* nos coloca para leitura um compilado de ofícios, em seção chamada “Documentos Justificativos” (1958, p. 204 et seq.), onde apresenta documentos que comprovam a má administração de Cunha de Meneses no território brasileiro. Entre os ofícios, podemos destacar a *Queixa de Luís Henrique da Silva contra arbitrariedades cometidas em Goiás por Luís da Cunha Meneses (22 de julho de 1782)*, em que há relato à rainha de Portugal, Dona Maria I, apontado os desserviços de Don Luís da Cunha Meneses à coroa portuguesa e o seu constante vício de descumprir as leis.

militar e o poder das instituições policiais, que, por sua vez, agiam de forma violenta e abusiva, sobretudo nas cobranças dos impostos. Governante autoritário, fez gestão negativa cometendo injustiças e inúmeros desmandos, constantemente faltava com respeito às decisões da Justiça; fraudava concessões de negócios e questões administrativas; decretava medidas ilegais e passava por cima de outras autoridades; vendia cargos e títulos; e governava de acordo com o que lhe convinha. A cidade de Vila Rica, sofreu diretamente sob os efeitos do “furacão” Cunha de Meneses por ser o centro administrativo da capitania, pagou caro com os altos impostos, vendo-os aplicados às satisfações pessoais e vaidades do governador.

No período Cunha de Menezes, Tomas Antônio Gonzaga gozava do cargo de Ouvidor-Geral. Em seu cargo era vítima frequente do despotismo do Governador-Geral, tendo a contragosto as suas decisões desacetadas. Por essas razões, juntamente com outras autoridades e intelectuais de Vila Rica fez frente ao governo Cunha de Meneses. Colocando-se como opositor, em 1784, envia ofício dirigido à Dona Maria I, em que escrevia denúncias contra o governador Don Luís da Cunha Meneses.⁹ O ofício enviado apontava o “notório despotismo” de Cunha Meneses. Muito provavelmente, é a partir desse momento, munido com a devida cautela, que Gonzaga começa circular, clandestinamente, as suas cartas-poema (NICODEMO, 2004, p. 35).

Para que sua estratégia de denunciar e ridicularizar Dom Luís obtivesse sucesso, Gonzaga utiliza-se da sátira para criar um paralelo entre a realidade dos fatos que aconteciam em Vila Rica à fictícia administração de um tirano no Chile. Ao discorrer seus versos e destilar sua crítica denunciando as infâmias de Cunha de Meneses, dá a esse a alcunha de Fanfarrão Minésio. O poeta se coloca sob o pseudônimo de Critilo, que, por sua vez, escreve de Santiago ao seu amigo, na Espanha, Doroteu.¹⁰ Com muita inteligência, o poeta árcade transporta a realidade vivida na capitania das Minas Gerais para o Chile, transformando Vila Rica em Santiago e a metrópole, Portugal, em Espanha. Igualmente, as principais cidades portuguesas, Lisboa e Coimbra, são convertidas em Madri e Salamanca. A partir dessa inversão, Gonzaga tinha o intuito de sobrepor a verdade de um universo real sob a farsa de um universo fantasioso, de maneira que pudesse explorar livremente os elementos satíricos que compunham o cotidiano aristocrático de Vila Rica.

A sátira é um recurso literário utilizado desde o período clássico, em geral, aponta os vícios e erros de pessoas ou instituições que sobrepujam os valores éticos de uma determinada sociedade utilizando-se de alegoria e ironia para construir crítica ao objeto o qual busca-se desconstruir,

⁹ O ofício é assinado pelo ouvidor de Vila Rica, Tomas A., e segundo Sérgio Buarque de Holanda é muito semelhante às *Cartas Chilenas*, incluindo, às vezes, o uso de termos idênticos. Foi utilizada como elemento de análise por Manuel Bandeira para o estudo de autoria das *Cartas* (NICODEMO, 2004, p. 35).

¹⁰ “O destinatário das Cartas, Doroteu” é o grande amigo de Gonzaga o “douto Cláudio Manuel da Costa. Os inumeráveis personagens que habitam a Vila Rica das ‘Cartas’ também aparecem camuflados por criptônimos que deviam ser, facilmente, identificáveis naquele tempo” (FERREIRA, 1989, p. 2).

a palavra remete, em primeiro lugar, a um gênero histórico, definido já a partir da tradição clássica (com desdobramentos até a era moderna) (...) Em segundo lugar, o termo remete a uma determinada maneira de perceber a realidade e à expressão dessa forma de percepção. Sob essa última perspectiva, “sátira” pode assumir vários significados. (IIa) No uso cotidiano, pode referir-se a qualquer imitação troceira e irreverente. É comum, por exemplo, ouvir nos noticiários de tevê quadros dedicados à sátira política. (IIb) Em literatura, o termo pode referir-se a qualquer obra que procure a punição ou ridicularizarão de um objeto através da troça e da crítica direta; ou então, a meros elementos de troça, crítica ou agressão, em obras de qualquer tipo. (IIc) A partir desse último significado, ainda bastante amplo, é que a teoria da literatura atribui um sentido mais específico à sátira, qual seja o de representação estética e crítica daquilo que se considera errado (contrário à norma vigente). Isso implicaria, na obra, a intenção de atingir determinados objetivos sociais. (SOETHE, 1998, p. 8-9)

Podemos conjecturar em uma análise estilística que, ao escrever as críticas direcionadas a Dom Luís, Gonzaga estava aliado ao seu compromisso com a poética árcade e, assim, utiliza-se das ideias satíricas inerentes à cultura greco-romana, tendo em vista que o movimento arcadista recupera elementos da antiguidade clássica. Enquanto gênero, a sátira na antiguidade se encaminhava por duas vertentes: a de tradição romana e a de tradição grega. Tomás Antônio Gonzaga, como ouvidor, era cumpridor de seus deveres e trabalhava de acordo com as leis vigentes, talvez, uma das razões para utilizar-se da sátira para a construção de sua poética; enquadrando-se na finalidade moralizadora dos textos romanos, onde o riso é usado para denunciar os vícios da humanidade (SOETHE, 1998, p. 8). Vícios não faltavam na administração de Cunha de Meneses. Para observarmos isso, visitemos a Carta 5ª “Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposórios do nosso sereníssimo infante, com a sereníssima infanta de Portugal”,

Ah! meu bom Doroteu, que feliz fora/
Esta vasta conquista, se os seus
chefes/ Com as leis dos monarcas se ajustaram!/
Mas alguns não presumem ser vassallos,/ Só julgam que os decretos dos augustos/ Têm força de decretos, quando ligam/ Os braços dos mais homens, que eles mandam./ Mas nunca quando ligam os seus braços./ Com esta sábia lei replica o corpo/ Dos pobres senadores e pondera/ Que o severo juiz, que as contas toma,/ Lhes não há de aprovar tão grandes gastos./ Da sorte, Doroteu, que o bravo potro/
Quando a sela recebe a vez primeira./ Enquanto não sacode a sela fora/
E faz em dois pedaços cilha e rédea./ Mete entre os duros braços a cabeça/
E dá, saltando aos ares, mil corcovos./ Assim o irado chefe não atura/
O freio desta lei, espuma brama./ Arrepela o cabelo, a barba torce/
E, enquanto entende que o senado zela/
Mais as leis, que o seu gosto, não descansa/
Aos tristes senadores não responde,/ Mas manda-lhes dizer que, a não fazerem/
Os pomposos festejos, se preparem/
Para serem os guardas dos forçados./ Trocando as varas em chicote e relho./ Já viste, Doroteu, que o grande chefe,/ O defensor das leis, o mesmo seja/
Que insulte,

que ameace ao bom vassalo/ Que intenta obedecer ao seu monarca?/ Pois ainda, Doroteu, não viste nada./ Um monstro, um monstro destes não conhece/ Que exista algum maior que, ousado, possa/ Ou na terra ou no céu, tomar-lhe conta. (GONZAGA, 2002, grifamos)

Na citação, Critilo conta a Doroteu sobre os desrespeitos às leis por parte de Fanfarrão Minésio que não se dá conta de ser um vassalo do reino de Portugal e, com seu ego enquanto governante da capitania das Minas Gerais, comete as maiores leviandades contra as leis da coroa. Em especial, no segundo trecho grifado da citação, podemos perceber o apreço de Critilo pelas leis e sua posição como vassalo da Coroa, um cumpridor das obrigações e das leis, que vê constante desrespeito por parte daquele que não se vê como vassalo e repele o corpo das leis, como pode ser visto no primeiro trecho em destaque na citação.

Outro fator imputado ao árcade como característica que lhe é peculiar à tradição grega da sátira é a “miscelânea de diferentes metros, inclusive de prosa e verso em um mesmo texto” (SOETHE, 1998, p. 8). Essa miscelânea faz-se presente na poética de Tomás Antônio Gonzaga, em que os versos cuidadosamente metrificados em decassílabos brancos¹¹ dão a característica de prosa e verso. Neste caso, a poética fica por conta da metrificação dos versos, enquanto a prosa se estabelece através da narrativa através de versos brancos. Aqui, o riso fica circunscrito como marca “distintiva, sem assumir, no entanto, o caráter exclusivamente moralista da tradição romana” (SOETHE, 1998, p. 8), ficando a sátira, nesse contexto, inerente à figura de Minésio, o administrador ridículo que faz fanfarronices em sua governança.

Obviamente, os parágrafos anteriores tratam de conjecturas relativas ao gênero satírico, que podem ter sido aplicadas intencionalmente por Gonzaga em sua poesia para colocá-la de acordo com parâmetros estilísticos vigentes. Mesmo que essas características inerentes ao gênero satírico da antiguidade não tenham sido aplicadas com intencionalidade, faz-se mister apontar que as peculiaridades descritas estão presentes nos escritos que versam as infâmias de Fanfarrão Minésio. Não obstante, ainda seguindo os conceitos de sátira apresentados por Soethe, o mais certo é que o poeta tenha usado do gênero com a intenção que a conceituação de sátira concebe; como sendo uma maneira diferente de narrar a realidade de maneira inversa sem comprometer sua forma de percepção. Entre os diversos significados que aplicam-se à sátira coloca-se presente nas *Cartas Chilenas* a intenção de referir-se à imitação do cotidiano de Vila Rica de forma irreverente e jocosa, tal qual sugere a concepção desse gênero pela teoria da literatura, que aponta a sátira como meio de punição “ou ridicularização de um objeto através da

¹¹ Versos brancos, também conhecidos como versos soltos, são aqueles que não apresentam esquemas de rima, e que, entretanto podem apresentar métrica. Nesse caso a métrica fica por conta dos decassílabos, de modo que a métrica se estabelece através de dez sílabas poéticas que compõem o verso. Os versos brancos são características comuns aos poemas Árcades, Românticos e Modernos. Muito embora a presença do bucolismo pastoril não estar presente na obra, *As Cartas Chilenas* estão sob as marcas do Arcadismo, pois tem como característica a utilização dos versos brancos, numa atitude que simboliza liberdade na criação em antagonismo ao Barroco. Além desse traço, há a evocação de tópicos da cultura greco-romana que, por sua vez, também, inserem a obra nesses estilo de época.

troça e da crítica direta; ou então, a meros elementos de troça, crítica ou agressão, em obras de qualquer tipo” (SOETHE, 1998, p. 9). Assim, a sátira presente na obra de Gonzaga se circunscreve como “representação estética e crítica daquilo que se considera errado (contrário à norma vigente)” (SOETHE, 1998, p. 9), implicando um determinado objetivo social. Percebe-se na obra estudada que “a sátira funcionalizada ataca o real desconhecido e ameaçador sob a perspectiva ético-valorativa” (SOETHE, 1998, p. 17). Tal fato altera o sentido *ad hominem*, porque, a figura de Fanfarrão Minésio é fictícia. É a alteração desse sentido que ativam a percepção do gênero satírico, já que na sátira a figura contra a qual se investe assume o caráter de figura fictícia ou conceito personificado, fato que define o melhor ponto de partida do ataque a um autor específico (GAIER, op. cit., p. 446 *apud* SOETHE, 1998, p. 17). Assim, Fanfarrão Minésio personifica Don Luís da Cunha Meneses, desafeto a quem Gonzaga direciona seus ataques e críticas. Nas *Cartas Chilenas*, a sátira está baseada sobre a “personalidade, julgamento, valoração e referências” (GAIER, op. cit., p. 446 *apud* SOETHE, 1998, p. 17) de Don Luís da Cunha Meneses. Através destas marcas formais é possível visualizar o objetivo social que configura a sátira como um gênero textual, visto que este se evidencia como uma noção para referir-se a textos que são materializados no cotidiano dos sujeitos, apresentando características sócio-comunicativas definidas (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23 *apud* OTTONI, s.d., p. 5), tais quais as que percebemos nas *Cartas Chilenas*.

3 A presença do gênero epistolar

A obra de Gonzaga, que aqui está em discussão, tem grande influência iluminista, porque, na mesma época em que as cartas eram espalhadas por Vila Rica, se difundiam pelo mundo as ideias de Locke, Montesquieu, Voltarie, Rousseau e vários outros pensadores que inspiravam as ideias de liberdade, racionalidade e justiça.

Neste período, as ideias literárias eram amplamente influenciadas pelo pensamento filosófico. A difusão dessas ideias tomava grandes proporções a partir da bem sucedida independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa. No período em que esteve na Universidade de Coimbra, em Portugal, onde se tornou bacharel em Leis em 1768, Tomás Antônio Gonzaga pôde ter contato com os mais importantes trabalhos dos pensadores das luzes, muitas deles traduzidos para o português, graças às reformas educacionais promovidas pelo Marquês de Pombal. Durante a estada em Coimbra, Gonzaga amadurece o desejo de lecionar na Universidade, assim, ao se formar, escreveu a tese que lhe garantiria a cátedra de professor, *Tratado de Direito Natural*, a qual se inspirava no trabalho dos enciclopedistas. Nesse livro, Gonzaga trabalha com os conceitos de direito natural, baseando-se no pensamento de figuras como John Locke e Thomas Hobbes, bem como outros jusnaturalistas do século XVIII, tal qual Grócio, Pufendórfio, Heinício e Cocceo. Muito embora, Tomás Antônio Gonzaga tenha publicado a tese que lhe garantiria o direito de lecionar na Universidade, decidiu abdicar da cátedra

universitária para se tornar jurista. Foi, então, nomeado juiz-de-fora na cidade de Beja, no ano de 1778, exercendo a função até 1781. No ano posterior, é indicado para ocupar o cargo de Ouvidor-Geral e Provedor dos Defuntos Ausentes¹² na comarca de Vila Rica, na Capitania de Minas Gerais.

Após dois anos ocupando os cargos que lhe foram atribuídos, Gonzaga acompanha a chegada e a posse de Cunha de Meneses como governo das Minas Gerais, em outubro de 1783. Contudo, o novo governador, ao invés de introduzir uma governança positiva, como apontado na seção “A sátira como gênero poético”, mostra-se autoritário e não cumpridor das leis, aplicando-as da forma que lhe convinha. Assim, começa a bater de frente com o Ouvidor-Geral, homem de virtudes em relação às leis e que

demonstra, em muitas ocasiões, que é um defensor da Justiça e do Direito, um homem cioso de seu cargo e competência, que não tolera as intromissões indevidas e atentatórias à sua autoridade de juiz. Demonstra também que é um cumpridor de seus deveres, um funcionário correto e sem medo. E não era fácil enfrentar, na época, o poderoso e prepotente Governador. (FERREIRA, 1989, p. 182)

O embate entre duas figuras públicas e notórias de Vila Rica gera reclamações de ambos os lados. Assim, supõe-se que as primeiras cartas-poema começam a circular em Vila Rica, em 1784, mesmo ano em que Tomás Antônio Gonzaga envia seu primeiro ofício dirigido à Rainha de Portugal com reclamações acerca dos problemas causados por Cunha de Meneses.

Acredita-se que, para o empreendimento de suas composições epistolares, Gonzaga teria se inspirado nas *Cartas Persas* de Montesquieu, vez que estava em voga as ideias iluministas, as quais o poeta havia absorvido durante seus estudos

¹² O cargo de provedor dos ausentes integrava uma categoria da administração lusa, a dos provedores, que faziam parte de uma estrutura bastante especializada, mas periférica, da administração real. Os provedores, como um todo, acumulavam uma variada gama de atribuições, abrangendo duas grandes áreas de competência: a primeira era a da tutela dos interesses dos titulares que não estivessem em condições de os administrar, como os defuntos, ausentes, órfãos, cativos, ou de pessoas coletivas, como confrarias, capelas, hospitais, concelhos; a segunda era constituída pelas matérias de finanças, tendo que verificar livros, cuidar de arrendamentos reais, tomar contas de almoxarifes e recebedores, etc. (HESPANHA, 1994, p. 206-209, *ipsis litteris*) Informação disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/190-provedor-provedoria-dos-defuntos-e-ausentes>>. Acesso em: 22 nov. 2018. Em relação aos ausentes, cabia ao provedor administrar seus bens e entregá-los a quem os reclamasse, dando apelação e agravo para a justiça ordinária. No caso dos órfãos, o cargo superintendia a administração da sua fazenda e das atividades dos juizes dos órfãos, em relação ao qual tinha jurisdição cumulativa e de quem recebia os agravos, dando apelação para a Relação da área. No que tocava às capelas, hospitais, albergarias e gafarias, supervisionava a administração dos que não fossem de fundação ou administração eclesiástica ou dos que não estivessem sob proteção imediata do rei (HESPANHA, 1982, p. 228, *ipsis litteris*). Informação disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/190-provedor-provedoria-dos-defuntos-e-ausentes>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

em Coimbra, bem como, também, as temáticas das viagens ao estrangeiro.¹³ A obra de Montesquieu é um relato imaginário, e nos conta sobre a visita de dois amigos persas – Rica e Usbeck – a Paris, no período em que Luís XIV reinava. A partir de suas impressões, eles escrevem para seus amigos na Pérsia relatando tudo o que veem na cidade. Pelo envio de epístola, narram aos seus conterrâneos os costumes, as instituições políticas e os abusos da Igreja e do Estado na França. Através da irreverência, em seu primeiro trabalho, Montesquieu mostra os valores de uma civilização pela comparação com os de outra muito diferente. Usando a sátira, o autor critica severamente a sociedade do seu tempo e os exageros da corte francesa. As *Cartas Persas* foi uma das primeiras obras que relativizavam os conteúdos que seriam o cerne do Iluminismo. Foi uma das obras mais lidas no século XVIII e, por esse motivo, julga-se que Tomás Antônio Gonzaga tenha se inspirado nesse trabalho.

Para justificar o dito, chamamos à baila Júdice, que aponta a respeito do gênero da ficção epistolar, gênero o qual podemos, também, enquadrar a obra objeto de análise que

teve um dos seus momentos altos no século XVIII com as *Cartas Portuguesas* atribuídas a Soror Mariana, sendo Guilleragues, ainda parente de Montesquieu, considerado o seu autor. (...) Montesquieu acompanha um dos grandes períodos da história francesa: o reinado de Luís XIV. Assiste depois à morte do rei e ao problema da sucessão, testemunhando a crise da regência que termina com a subida ao trono de Luís XV em 1723 (...) É nesse período de transição, em 1721, que as *Cartas Persas* são publicadas semiclandestinamente devido à sua forma satírica. (JUDÍCE, 2015, p. 9, grifamos)

Apresentados argumentos que inserem as *Cartas Chilenas* como epístolas, proporemos, a partir desse ponto, uma análise das ideias de gênero que envolvem a obra na perspectiva epistolar e que definam o trabalho de Gonzaga aqui estudado como pertencentes a esse gênero.

¹³ No bojo do apelo vivido pela temática das viagens e pela ascensão do gênero filosófico, floresce ao longo do século XVIII uma pródiga tradição literária epistolar a que se convencionalizou denominar de *Cartas pseudo-orientalizantes*. A tradução das *Mil e uma noites* por Antoine Galland, logo no início do século, que muito favoreceu a construção e a difusão do imaginário europeu acerca do Oriente, assim como a publicação do diário da viagem de Montaigne à Itália, em 1774, e das viagens de circunavegação de Louis Antoine de Bougainville (1767) e de James Cook (1769-1770) parecem ter estimulado, ao mesmo tempo em que propiciavam uma reflexão sobre a matéria, o gosto pelo desconhecido e pelo exótico. Com certeza, essa produção dialoga bem com o subgênero nascente epistolar, que deve a Montesquieu e às *Cartas Persas* (1721) seu melhor paradigma. Embora o filósofo francês já se colocasse como um continuador da linhagem, provavelmente iniciada por Charles Dufresny, com *Amusements sérieux et comiques d'un Siamois*, em 1707, secundada ainda por Jean-Baptiste de Boyer, o marquês de Argens, em 1739, com *As cartas chinesas*, e, por último, com *As cartas chinas*, que adotaram o título definitivo de *O cidadão do mundo* (1762), do escritor inglês-irlandês Oliver Goldsmith. Em comum, esses volumes têm por temática as simuladas viagens de seus protagonistas, em geral, neófitos viajantes orientais, por países europeus, denunciando a seus interlocutores radicados no país de origem a surpresa diante dos modus vivendi dos povos europeus. Trata-se, na verdade, de uma sátira que visa à crítica e à correção das instituições e dos hábitos nacionais, construída por uma pretensa visão externa, causando maior impacto e estranhamento ao leitor (LIMA; NASCIMENTO, p. 291-292, 2017).

O gênero epistolar é usado desde os primórdios. Ao lembrarmos da Antiguidade observamos as cartas de Horácio, Varrão, Plínio, Ovídio, Sêneca e Cícero; e as epístolas de Paulo, dirigidas às primeiras comunidades cristãs, bem como outros livros do Novo Testamento (que são cartas enviadas às comunidades com a finalidade de aconselhar e instruir seus membros as quais ajudavam os responsáveis a guiá-las e administrá-las). De acordo com Rosenmeyer (1997, p. 31), a epístola, na antiguidade, pode ser vista como um gênero com uma particular fluidez. Para ser classificado como tal, o texto deveria ser enviado a um ou mais destinatários. Tal fato não se alterou drasticamente ao longo dos séculos, porém, para o estudo epistolar, inferira-se diferenças entre carta e epístola. Adolf Deissmann

demonstra a diferença entre as formas de uma “carta genuína” e uma “epístola”. Para Deissmann, uma carta genuína “era pessoal e dirigida a uma pessoa referente a um problema de situação específica” (DEISSMANN, 1910 *apud* HALE, 1986, p. 195). De acordo com esse autor, não haveria, portanto, nenhuma intenção de ser feita uma leitura mais extensiva da correspondência, a não ser por aqueles a quem a carta estava endereçada. Já as epístolas, ao contrário, “eram dispositivos literários com uma audiência maior de leitores em mente”, assim, “a epístola era escrita sob o pretexto de ser uma carta pessoal, com a finalidade expressa de ser publicada”. (SOARES, 2013, p. 201)

Esta diferença, na atualidade, é o que englobaríamos no campo do público e do privado. Isso porque, na antiguidade, muitas “cartas que foram escritas para amigos, parentes ou discípulos ganharam um tratamento posterior à sua escrita e foram publicizadas por meio de cópias que eram remetidas a vários destinatários ou guardadas em bibliotecas, para o acesso da população letrada” (GONÇALVES; DI MESQUITA, 2009, p. 32 *apud* SOARES, 2013, p. 201). A distinção, proposta por Deissmann ao diferenciar carta, como sendo algo de caráter privado, e epístola, como algo de caráter público, atualmente é considerada algo rígido, mesmo porque estamos na época das cartas eletrônicas (e-mails) e mensagens instantâneas. Sendo assim, o conceito de carta enquanto gênero sofreu alterações. Não há um consenso ou uma teoria que configure a diferença entre carta e epístola, portanto, para conceituarmos de maneira breve, podemos apontar o descrito por Depew e Obbink (2000, p. 6 *apud* SOARES, 2013, p. 203), que apontam a carta/epístola como instrumento que se baseia em outras formas de escritos e formas literárias para configurar-se como um gênero único com demandas específicas de seu tempo e lugar.

Antes de seguirmos no delineamento do que tange ao epistolar nas *Cartas Chilenas*, é importante trazermos mais alguns conceitos que nos esclareçam esse gênero. Evocamos, então, Foucault e seus dizeres no artigo “A escrita de si”, mais especificamente no tópico “A correspondência”, onde o filósofo aborda a *Epistulae morales ad Lucilium*, coletânea de cartas enviadas por Sêneca a Lucílio. Aqui, Foucault evidencia que as cartas que Sêneca envia a Lucílio Longo não têm por finalidade

informar, ensinar ou instruir, mas sim a função de exercitar a escrita e o autocohecimento de Sêneca. Para o filósofo francês, a carta “‘é algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro’, ‘porque’ ‘ela constitui, também, uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros’” (FOUCAULT, 1992, p. 136). Para ele, esse gênero “faz o escritor ‘presente’ àquele a quem a dirige” (FOUCAULT, 1992, p. 137). A partir dessa linha de pensamento, o filósofo francês aponta que o ato de escrever é “mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”, o que faz desse ato “simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz” (FOUCAULT, 1992, p. 137), permitindo abrir-nos para o olhar do outro, “e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior” (FOUCAULT, 1992, p. 137).

Absorvendo as ideias construídas por Foucault, relativas à carta, Kohlrausch e Zucchi apontam que

o trabalho que a carta opera sobre o destinatário, que também é efetuado sobre o escritor pela própria carta que envia, implica uma “introspecção” entendida como “uma abertura de si que se dá ao outro”. Esse tipo de abertura permite, conforme Foucault (2006, p. 152), a “constituição de uma narrativa de si” que é “a narrativa da relação de si” porque se evidenciam dois elementos que vão se tornando objetos privilegiados da relação de si, ou seja, o corpo e os dias (KOHLRAUSCH; ZUCCHI, 2015, p. 150).

Através desse ponto de vista, no que diz respeito à esfera pessoal, podemos apontar a carta como um reflexo de si, uma construção do “meu eu” para o “outro”, o que permite aquele que escreve se narrar para aquele que lê. A carta permite o *tête-à-tête*, e reflete as nossas particularidades ao outro, que nos lê enquanto destinatário da imagem refletida que o remetente insere nas palavras ao redigir o texto.

Acerca do gênero epistolar e seu caráter personalista, podemos, também, apresentar o pensamento do célebre escritor brasileiro Mário de Andrade. Na concepção de Andrade

“puxar conversa” não é diferente de trocar cartas. Puxar conversa na rua é o modo de se aproximar agressiva e despudoradamente, sensual e fraternamente, do outro, para que o outro, ao passar de objeto a sujeito, transforme o sujeito que puxara a conversa em objeto. (ANDRADE, 1990, p. 84 *apud* BETTIOL, 2016, p. 229)

Partindo dessa ideia, Bettiol (2016, p. 229) aponta que a teoria epistolar de Mario de Andrade vai de encontro com a concepção definida pela epistolografia (não obstante, àquela ideia definida por Foucault que insere a carta no cerne dialógico). A autora reforça sua observação utilizando-se da conceituação de Marcos Antonio de Moraes, que aponta a carta, na visão de Mário de Andrade, como algo que está além da comunicação “prosaico-imediatista ou das cortesias sociais”.

Bettiol, citando Matildes Santos (MORAES, 2007, p. 72 *apud* BETTIOL, 2016, p. 229), quando esta trata da ideia de Mário de Andrade a respeito do gênero epistolar, aponta que “a carta não só diz do remetente, como abre brechas para o conhecimento do destinatário, expondo-o através de observações, comentários” (BETTIOL, 2016, p. 231). Isso nos permite avaliar a relação que o autor mantém com aqueles com quem corresponde, o que mostra a importância de conhecermos a identidade dos correspondentes.

Outro fator importante a ser observado é a data das cartas. No que tange a esse recurso, segundo Bettiol (2016, p. 231), não era usual a Mário de Andrade, em suas correspondências,¹⁴ as quais, com raras exceções, são datadas. A autora apresenta o ponto de vista de Andréa Crabé Rocha sobre o tema:

a data é importante por várias razões, pois ela situa a carta no tempo de sua feitura. As cartas não têm autonomia textual, só têm verdadeiro sentido na série temporal que as viu nascer, isto é, as cartas estão ligadas às circunstâncias que as determinam, situações históricas e ideológicas. Entretanto, Rocha explica que a correspondência não é um caminho retilíneo, a carta se perde numa série de bifurcações, de temporalidades distintas. Dito de outra forma, existe um tempo cronológico/externo e um tempo interior, que aparece registrado no texto epistolar através das impressões e sensações do carteador e que não corresponde necessariamente ao tempo cronológico. (ROCHA, 1965, p. 16 *apud* BETTIOL, 2016, p. 231)

Como vimos, no que tange às *Cartas Chilenas*, a data é um fator que gera contradições, pois, para se determinar a autoria e o período em que foram escritas, demandou-se muitos estudos e, mesmo assim, a exatidão ainda configura-se em hipóteses, tal qual apontam os estudos de Manuel Rodrigues Lapa. Contudo, o que mais nos chama a atenção nas definições do gênero epistolar e as *Cartas Chilenas* é o caráter intimista que envolve as epístolas de Critilo, pois ali o remetente cria um espelho de si para Doroteu, o destinatário. Podemos, então, considerar que Tomás Antônio Gonzaga tenha refletido tais conceitos em sua poesia-epistolar, pois, como visto, o mesmo tinha grande apreço pelas leis e por seu cumprimento, fato que o levava a afrontar o governo de Dom Luís. Essa personificação do caráter e da transmissão da imagem de si para o outro, mesmo que se dê de forma ficcional e satírica, pode ser percebida através das ideias que Critilo passa ao amigo Doroteu ao confidenciar-lhe os problemas que o Chile (a Capitania das Minas Gerais) enfrentava sob o governo de Fanfarrão Minésio, tal qual pode-se observar na Carta 8ª “Em que se trata da venda dos despachos e contratos”:

As leis do nosso reino não consentem/ Que os chefes dêem contratos, contra os votos/ Dos retos deputados que organizam/ A Junta de Fazenda, e o

¹⁴ Mário de Andrade se definiu como um epistolomaniaco. Bettiol (2016, p. 228) aponta que o escritor brasileiro “escreveu cartas, centenas de cartas que vêm enchendo volumes. Foi indiscutivelmente o mais importante epistológrafo brasileiro do século XX e um dos mais representativos da história da epistolografia mundial”.

nosso chefe/ Mandou arrematar, ao seu Marquésio,/ O contrato maior,
sem ter um voto/ Que favorável fosse aos seus projetos./ *As mesmas
santas leis jamais concedem/ Que possa arrematar-se algum contrato/ Ao
rico lançador, se houver na praça/ Um só competidor de mais abono;/ E
o nosso general mandou se desse/ O ramo ao lançador, que apenas tinha/
Uns vinte mil cruzados, em palavra,/ Deixando preterido outro sujeito/
De muito mais abono, e a quem devia/ Um grosso cabedal o régio erário.*
(GONZAGA, 2002, grifamos)

No trecho, sobretudo nos destaques, podemos perceber o apreço que Critilo tem pelas leis ao narrar a Doroteu os desrespeitos de Fanfarrão Minésio a essas. Esse furor contra Fanfarrão seria a imagem de Gonzaga projetada em Critilo, que, por sua vez, é projetada, ficcionalmente, em Doroteu através dos versos que compõem a epístola. Sabemos que o poeta era Ouvidor-Geral em Vila Rica e, muito provavelmente, a carta oitava remete a Doroteu a angústia de Gonzaga ao ver suas decisões que eram arbitradas, de acordo com as leis vigentes, serem sobrepujadas sem artifícios legais, vez que Cunha de Meneses agia de acordo com seus interesses e não se importava em cumprir a legislação em vigor.

A epístola é um gênero textual ancestral e, ao longo dos séculos, serviu, não somente, como instrumento de informação e comunicação, mas, também, como instrumento literário,¹⁵ e é como qualquer outro gênero textual, porque sua configuração enquanto gênero se origina no discurso. Além dessa observação, podemos apontar a conceituação de Torodov (TORODOV, 2003, p. 58 *apud* SIQUEIRA, 2013, f. 27-28), e aplicá-la às *Cartas Chilenas*, imputando que “um gênero pode fazer parte de um sistema que responde ao quadro ideológico em que foi produzido”.

Estes fatores correspondem às *Cartas Chilenas*, pois a produção dessa obra está ligada, não somente à chegada de Dom Luís da Cunha de Meneses a Vila Rica, mas, também, a uma conjuntura ideológica, visto que Tomás Antônio Gonzaga, nos seus estudos em Coimbra, absorveu o pensamento iluminista. Pensamentos que ajudaram a moldar a Inconfidência Mineira, movimento do qual o poeta fez parte. Podemos, então, dizer que as *Cartas Chilenas* “nasceram numa época determinada como reflexo de uma sociedade em crise e uma reflexão sobre ela própria. Elas são, assim, sobretudo, filhas do seu tempo”. (FERREIRA, 1998, p. 3).

4 Sátira ou epístola?: a hibridização de gêneros textuais nas *Cartas Chilenas*

Nas seções anteriores, fizemos uma análise dos gêneros satírico e epistolar. Além desses outros dois, podem ser percebidos na obra de Tomás Antônio Gonzaga os gêneros histórico-documental e a crônica, contudo, não abordaremos, neste

¹⁵ Kohlrausch e Zucchi (2015, p. 152) citando Vasconcellos (2008, p. 381-382) apontam que a carta, enquanto gênero, “é vista à margem da literatura, ‘uma vez que se produziu longe do intuito primeiro, o literário’”. Contudo, podemos afirmar que as cartas configuram-se como um gênero literário importante, sobretudo, aquelas que têm o aspecto ficcional e configuram-se como obras de sucesso literário como, por exemplo, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann Goethe; *Frankenstein*, de Mary Shelley e *A Cor Púrpura*, de Alice Walker.

trabalho, a relação de tais gêneros, haja vista que a configuração desses depreende fatores temporais e históricos os quais transcendem os aspectos dos gêneros aqui mostrados. Esses podem ser abordados em discussão futura especificamente voltada para eles, e são mais alguns fatores que podem ser imputados à hibridização que compõem os textos da obra objeto de estudos.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 279), os gêneros incluem todos os tipos de manifestações linguísticas. Para o pensador russo, “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso¹⁶” (BAKHTIN, 1997, p. 279), colocando os gêneros como grupos de atividade social. O pensador russo, aponta que a variedade a variedade e a riqueza dos gêneros são infundáveis, “pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Da réplica ao diálogo cotidiano às cartas e documentos oficiais, é a partir dos gêneros textuais que “relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso)” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Para Jean-Paul Bronckart o gênero é um “problema particularmente revelador, já que tem sido abordado desde a antiguidade grega, sendo discutido pelos melhores ‘sábios’, e já que, mesmo assim, continua até hoje sem uma solução adequada” (BRONCKART, 2005, p. 239). Em seu pensamento, Bronckart aponta que a causa fundamental da impotência frente às questões de gêneros textuais, está no fato de que esses “não podem nunca ser identificados e definidos com base em suas propriedades linguísticas” (BRONCKART, 2005, p. 239), fator que segundo o autor torna qualquer tentativa de classificação baseada na correspondência entre propriedades do contexto e do texto como algo impossível.

Todavia, sendo inerentes às práticas sociais, os gêneros estão sujeitos a mudanças “a partir de modificações na situação social na qual exercem uma função, ou novos gêneros podem surgir a partir de transformações ostensivas daqueles já existentes” (PAGANO, 2001, p. 87 *apud* DELL’ISOLA, 2006, p. 68-69). Assim, a partir de tal ponto, podemos dizer que a hibridização é um fenômeno inerente às formações do gênero, vez que os textos operam em contextos comunicativos (DELL’ISOLA, 2006, p. 69).

Apontamos que as *Cartas Chilenas*, no que tange aos gêneros satírico e epistolar, operam em um determinado contexto sócio-comunicativo que impele o uso não somente de um, mas sim de ambos os gêneros em sua constituição. Assim, tal qual aponta Dell’Isola,

¹⁶ Como citado na nota de rodapé n. 1, optamos por utilizar a nomenclatura “gêneros textuais”, tal qual proposto por Marchuschi.

estamos considerando as relações ditas contextuais que se estabelecem entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva – o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos. Do ponto de vista cognitivo-social, uma das características mais marcantes do gênero textual é o reconhecimento pelas pessoas que o identificam pelo fato de este determinado gênero ser de uso corrente em sua sociedade. A identificação de determinado gênero implica uma demonstração de competência comunicativa do indivíduo que o reconheceu e que, em princípio, é capaz de compreender e produzir esse gênero textual. (DELL'ISOLA, 2006, p. 69)

Este processo descrito é o que se infere em nossa análise. Nesta, apontamos dois gêneros e as formas como cada um desses foi visualizado na construção sócio-comunicativa das *Cartas Chilenas*. Para que se pudesse debater acerca da “fusão” de ambos no texto de Tomás Antônio Gonzaga, foram apresentados alguns conceitos do gênero satírico. Apresentou-se as razões pelas quais o uso da sátira fez-se necessário, dado que o poeta tinha como intenção escamotear-se, para poder zombar, através de seus versos, Cunha de Menezes, o homem que o impedia de cumprir a legislação vigente e exercer sua função enquanto Ouvidor-Geral na cidade de Vila Rica. Outrossim, a utilização do formato epistolar e as questões ligadas ao contexto político e filosófico que permeavam o século XVIII, as quais, talvez, incidiram na opção de Tomás Antônio Gonzaga de organizar sua sátira em forma de cartas.

Dentro deste espectro, evidencia-se a função do uso da poesia como meio que permite o diálogo entre a carta e a sátira. Aqui, como coloca Jahan Ramazani, em *Poetry and its others* (2013 *apud* ANWANDTER, 2018), contraria-se a posição bakhtiniana de que a poesia é um gênero monológico e exclusivista. Nas *Cartas chilenas*, através do que foi delineado, pode-se perceber que a poesia possui uma concepção dialógica, como pode-se perceber na citação a seguir:

Os poemas surgem, em parte, ecoar, brincar, remodelar, refinar, destacar, deformar, inverter e compactar formas extrapoéticas de linguagem [...] um poema [...] se enriquece no jogo de eufonias e dissonâncias consigo mesmo e com uma variedade de poemas anteriores, e festeja, digere e metaboliza formas linguísticas de vários tipos (RAMAZANI, 2013 *apud* ANWANDTER, 2018, p. 3, traduzi)

Jahan Ramazani (RAMAZANI, 2013 *apud* ANWANDTER, 2018, p. 3, traduzi) insinua que o poema se nutre de matéria não poética, fato que demonstra o dialogismo, a interação a conversa da poesia com outros gêneros, configurando-a como recurso dotado de polifonia.

Através dessas explicações, podemos perceber a hibridização construída nas *Cartas Chilenas*, pois todos esses aspectos apontados são constitutivos do trabalho de Tomás Antônio Gonzaga e inerentes ao contexto histórico e social, no qual o poeta estava inserido de maneira tal que pudemos perceber os gêneros como

“tipos de texto que codificam os traços característicos e as estruturas dos eventos sociais, bem como os propósitos dos participantes discursivos envolvidos naqueles eventos” (KRESS, 1989 *apud* DELL’ISOLA 2006, p. 69). Essa expressão configura os gêneros textuais como um “‘inventário’ dos eventos sociais de determinada instituição, ao expressarem aspectos convencionais daquelas práticas sociais, com diferentes graus de ritualização” (DELL’ISOLA, 2006, p. 69).

Não há muita complexidade em apresentar os gêneros satírico/epistolar e a hibridização destes em nosso objeto de análise, vez que a obra possui um escopo já delimitado, fator que reduz a complexidade de extrair as respostas do objeto. Contudo, na maioria das vezes, não é fácil apontar o fenômeno da hibridização de gêneros, e muitas vezes, também, não é fácil apontar a qual gênero um texto pertence, como aponta Dell’Isola citando Marchuschi

os textos convivem em geral em interação constante. Defendemos aqui que as formas híbridas são mais frequentes do que se imagina e, portanto, podem ser vistas como *esquematização* que seguem pré-configurações culturais com funções e objetivos bem definidos. (MARCHUSCHI, 2005 *apud* DELL’ISOLA, 2006, p. 75, grifo do autor)

Dentro dessas prerrogativas apresentadas, Dell’Isola acredita que os gêneros híbridos podem vir a ser novas categorias de gênero (DELL’ISOLA, 2006, p. 75). Isso, segundo a autora, porque “os gêneros híbridos são mais uma regra do que uma exceção” (RAJAGOPALAN, 2001 *apud* DELL’ISOLA 2006, p. 75). Tal fato, de acordo com Dell’Isola, postula que “um gênero não é uma unidade auto-suficiente e autônoma em si mesma” (DELL’ISOLA, 2006, p. 76), porque sempre haverá uma interdependência entre discurso e texto para que sejam estabelecidas as “relações entre gêneros já produzidos e outros em processo de construção” (DELL’ISOLA, 2006, p. 76). Muito embora, no pensamento de Dell’Isola, o processo de hibridização esteja ligado a “gêneros já construídos e gêneros produzidos, e outros em processo de construção”. Essa ideia, de todo, não se aplica ao escopo que analisamos nas *Cartas Chilenas*, porque a nossa proposta foi a verificação da hibridização dos gêneros que, de certa maneira, estão explícitos no texto. Entretanto, podemos aplicar essa ideia em momento oportuno, pois, como citado no começo desta seção, *as Cartas Chilenas* estão inseridas, também, ao gênero histórico-documental e ao gênero crônica. Nestes dois gêneros a hibridização pode ser vista mais próxima da maneira proposta por Dell’Isola, posto que “ao perderem contornos difusos, gêneros híbridos estabilizam-se e novas formas híbridas surgem com seus contornos difusos” (DELL’ISOLA, 2006, p. 76).

Considerações finais

Os gêneros textuais são ações que ocorrem na esfera social e discursiva das atividades humanas. É por intermédio de sua ação que mulheres e homens agem

sobre o mundo dizendo sobre o mundo. Na análise dos aspectos de gênero que abrangem as *Cartas Chilenas*, vimos que a sátira, não somente como recurso literário, mas como um gênero sócio-comunicativo, geralmente é utilizado para apresentar os vícios, excessos e erros de pessoas e/ou instituições que ultrapassam os valores éticos estabelecidos pelas regras sociais. Para tal, a sátira utiliza-se de recursos alegóricos para ironizar e criticar o objeto o qual busca-se desconstruir através do riso e se evidencia como gênero textual por referir-se a textos materializados no cotidiano dos sujeitos.

Em sua constituição epistolar, as *Cartas Chilenas* se inscrevem como ficção epistolar. De acordo com o Foucault, a epístola é a manifestação de si próprio aos outros. É como um reflexo de si, onde as nossas particularidades são reveladas àquele que nos lê enquanto destinatário. Essa personificação de transmissão da imagem de si para o outro, mesmo que se dê de forma ficcional e satírica na obra de Tomás Antônio Gonzaga, pode ser percebida através das ideias que Critilo passa ao amigo Doroteu ao confidenciar-lhe os problemas que está passando no Chile. Assim, Gonzaga, ao personificar Critilo, transmite as suas preocupações ao amigo Doroteu, através do seu reflexo espelhado nas cartas.

Em geral, os gêneros estão em constante interação dentro do texto, e partir da conceituação apresentada, percebemos que não é difícil percebê-los na obra de Gonzaga. Contudo, em muitas outras instâncias, apontar a hibridização de gêneros é como um campo minado, isso porque deve-se analisar várias nuances que perpassam o texto para a identificação dos gêneros nele presentes, e sem uma análise mais próxima à percepção da hibridização pode ser muito difícil. No que toca às *Cartas Chilenas* o gênero híbrido está lá, evidente, pois sátira e epístola são a essência da obra, por essa razão, ao longo do texto, ao mencionarmos o trabalho escrito por Gonzaga, referimo-nos a ele como cartas-poema ou poesia-epistolar.

AMONG THE SATIRE AND THE EPISTLE: THE TEXTUAL GENRES HYBRIDIZATION IN THE CHILEANS LETTERS

Abstract: *In general, the specialized literature refers the work credited to Tomás Antônio Gonzaga to the satiric genre, even foreseeing the indication of letters in the title. Nevertheless, taking a closer look at the work and the other aspects that compose it we noticed other different textual genres as the epistolary and even the chronicles and the historical-documentary. The present study aims to analyse the satiric genre presence in the Chileans Letters and their coexistence with the epistolary genre into Gonzaga's work. Starting from the both genres reflection and their conceptualization we will analyze the satiric and epistolary genres to present the genre hybridization as a phenomenon that applies in our object.*

Keywords: *Chileans Letters; Epistolary genre; Hybridization of genres; Satirical genre; Textual genres; Tomás Antônio Gonzaga.*

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia: Tomás Antônio Gonzaga. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/tomas-antonio-gonzaga/biografia>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ANDRADE, Mário de. *Querida Henriqueta*: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Edição preparada por padre Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

ANWANDTER, Andrés. Re-escuchar los fundamentos del estado. Sobre cons tituição de Marcos Canteli. Revista Laboratorio, Facultad de Comunicación y Letras UDP, Santiago, n. 18, Jul., 2018. Disponível em: <<https://revistalaboratorio.udp.cl/index.php/laboratorio/article/view/24>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. Mário de Andrade e a especificidade do gênero epistolar: o esboço de uma teoria. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 65, p. 227-236, dez. 2016.

BRONCKART, Jean-Paul. Conferência restrições e liberdades textuais, inserção social e cidadania. *Revista Anpoll – Desafios da linguagem no século XXI*, v. 1, n. 19, p. 231-256, 2005. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/467/476>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000. v. 1, 1750-1836.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Gêneros híbridos: contornos difusos?. In: ANAIS DO EVENTO PG LETRAS 30 ANOS. v. 1, 18 e 19 de dezembro de 2006. p. 66-80.

FERREIRA, Delson Gonçalves. *As “Cartas Chilenas”*: retrato de uma época. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

FERREIRA, Delson Gonçalves. *As Cartas Chilenas e a Inconfidência Mineira. Anál. e Conj.*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2 e 3, maio/dez. 1989. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=29782>>.

FERRETTI-SOARES, Vanessa Arlésia de Souza; BONINI, Adair. Gênero e prática social: como a Rede Globo inventa uma identidade positiva através do programa “O Sagrado”. In: SOUZA, Sweder; SOBRAL, Adali. *Gêneros, entre o texto e o discurso*: questões conceituais e metodológicas. Campinas: Mercado das Letras, 2016.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

HESPANHA, António Manuel. *História das instituições: épocas medieval e moderna*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

HESPANHA, António Manuel. *Às vésperas do Leviathan: instituições e poder político, Portugal (século XVII)*. Coimbra: Almedina, 1994.

JÚDICE, Nuno. Introdução. In: MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Lisboa: Tinta da China, 2015.

KOHLRAUSCH, R.; ZUCCHI, V. Apresentação: gênero epistolar. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 148-155, jan./jun. 2015.

LAPA, Manuel Rodrigues. *As “Cartas Chilenas”*: um problema histórico e filológico. Prefácio de Afonso Pena Jr. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

LIMA, Marcelo Fernando de; NASCIMENTO, Naira de Almeida. *As Cartas Chilenas e as Cartas Marruecas: entre o apelo iluminista e a tradição ibérica. Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 39, n. 3, p. 291-301, jul./set., 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/download/31532/pdf_1>. Acesso em: 25 set. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf>. Acesso em: 14 out. 2018.

MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Lisboa: Tinta da China, 2015.

NICODEMO, Thiago Lima. Gosto de sedição: Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira e a autoria das *Cartas Chilenas*. *Revista de História*, n. 151, p. 29-51, jul./dez. 2004.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. Gêneros textuais/discursivos: um debate teórico. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET_III/artigos/Otoni.pdf>. Acesso em: 15 out, 2018.

SIQUEIRA, Caroline de. *Gênero epistolar e marcas linguísticas de polidez em cartas institucionais: um estudo de caso sincrônico e diacrônico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013.

SOARES, Carolline da Silva. O gênero epistolar na antiguidade: a importância das cartas de Cipriano para a história do cristianismo norte africano (Século III D.C.). *Revista História e Cultura*, Franca, v. 2, n. 3, especial, p. 199-215, 2013.

SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira*: contribuições da teoria literária alemã na década de 60. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 7 n. 2, p. 7-27 jan./jun. 1998.

VERMEERSCH, Paula Ferreira. Dirceu de Marília: a interpretação da lírica de Gonzaga por Antônio Candido. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00003.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2018.